

ENTREVISTAS COM ANDRÉ LUIZ OLIVEIRA E EDGARD NAVARRO OU O ENCONTRO DE METEORANGO KID COM SUPEROUTRO.

Por Rafael Dias, Danilo Melo e Auterives Maciel Jr¹

André Luiz Oliveira e Edgard Navarro são dois cineastas baianos que despontam como expressão genuína da geração contracultural dos anos 60 e 70. André Luiz com o disruptivo *Meteorango Kid: o herói intergalático* em 1969 reflete o momento tropicalista. Edgard junto com a geração superoitista de Salvador e os seus curtas *Alice no País das Mil Novilhas*, *O Rei do Cagaço*, entre outros, indica a inventividade e irreverência do grupo que se reunia no Icba (Instituto Goethe).

André Luiz vai morar no Rio de Janeiro nos anos 70. É preso em 73 com uma “beata de maconha” em Ipanema e, assim como muitos jovens da sua geração, é condenado a passar uma temporada no Hospital Psiquiátrico. Cabe lembrar que se vivia em plena ditadura e a juventude da curtição estava na mira dos militares. Essa experiência violenta é transformada décadas depois em material sensível para seu longa metragem *Louco por Cinema* (1994). Após *Meteorango*, André segue uma vida nômade que inclui as filmagens de *A Lenda de Ubirajara* (1975) nas margens do Araguaia e passagens por Índia e Portugal, onde se intensifica a admiração pela obra do poeta Fernando Pessoa.

Na entrevista Edgard Navarro conta o efeito que *Meteorango Kid* teve sobre ele quando o assistiu pela primeira vez aos 20 anos: “[...] saí do cinema siderado. Vontade de pular, de gritar, de mexer com as pessoas na rua.” A identificação do jovem Edgard por Lula Bom-cabelo, personagem principal de André Luiz, indica a senda experimental que ele próprio percorrerá. Em 1989, vinte anos depois de *Meteorango*, ele coloca na rua o visceral *Superoutro*. É a vez de André Luiz e muitos outros serem tocados pela história criada por Edgard de um pária de rua que decide transformar-se em anti-herói na periferia do capitalismo para sobrevoar Salvador. A partir daí os dois tornam-se amigos ou descobrem-se “irmãos siameses”. A entrevista é marcada por essas histórias cheias de mistério e revelações, que incluem a filiação paterna comum à cidade interiorana de Mundo Novo até afinidades eletivas com a Tropicália e o cinema de invenção. No final abrimos espaço para uma pergunta cruzada entre André Luiz e Edgard Navarro. Os “irmãos siameses” se interrogam.

¹ Editores convidados responsáveis pelo dossiê “Cinema: pensamento, subjetividade, invenção”.

André Luiz Oliveira (ALO), diretor, roteirista e músico. Meteorango Kid: o herói intergalático (1969) é o seu primeiro longa-metragem. Filma A Lenda de Ubirajara (1975) e Louco por Cinema (1994). Como músico lança o Projeto Mensagem (3 álbuns com as poesias de Fernando Pessoa). Dirigiu Sagrado Segredo (2012) e o documentário Zirig Dum Brasília (2014). Radicado em Brasília, trabalha também como musicoterapeuta e finaliza seu próximo filme O outro lado da Memória.



ENTREVISTA COM ANDRÉ LUIZ OLIVEIRA (ALO)

DOSSIÊ: Qual o impacto da Tropicália no seu cinema? Que avaliação você faz do movimento 50 anos depois da sua eclosão?

ALO: Impacto definitivo! Na minha vida e conseqüentemente no meu cinema, sendo mais explícito - sobre todos os outros filmes que fiz - em Meteorango. Sem o Tropicalismo, eu seria outra pessoa, o Brasil seria outro, seríamos muito mais atrasados e empobrecidos do ponto de vista artístico, cultural, existencial. Para mim, o Tropicalismo e a Semana de Arte Moderna foram os movimentos culturais mais importantes acontecidos no Brasil na tentativa de emancipá-lo da condição de país culturalmente colonizado. Me considero, particularmente, fruto desses movimentos que entre outros menos importantes, me abriram os olhos para um Brasil tropical, profundo, criativo, diferenciado do “Brasil grande” progressista, míope, hipócrita, medíocre, racista, socialmente cruel.

DOSSIÊ: Qual análise que você faz dos seus filmes em conjunto, seja os curtas, os longas e os documentários? Você vê alguma política ou pensamento em especial que anima o seu cinema?

ALO: Ao olhar para o que fiz até agora, me faço a mesma pergunta: para que serve isso? Esse empenho, essa vida na tela, fragmentos de vida, se não para mitigar carências afetivas, limitações intelectuais, desejos frustrados, e essa angústia de um viver sem sentido buscando respostas mínimas sobre quem sou, sobre o próprio viver incluindo o desgosto permanente e diário de viver numa sociedade tão classista, ainda escravagista como a brasileira, num mundo tão perfeito e desigual? Meu cinema é o reflexo dessas emanções da minha alma. A política

essencial que enxergo no meu cinema vem daí. Esse é o pensamento/atitude que anima o meu cinema e as políticas nele contidas têm sua origem nesses conflitos e paradoxos.

DOSSIÊ: Meteorango Kid e Louco por Cinema apresentam a questão da loucura e das drogas de modo mais direto. Os seus personagens parecem estar sempre à margem. Qual o lugar das minorias (personagens marginais) e da loucura nos seus filmes?

ALO: O fato concreto é que apesar de ter sido criado no seio de uma família de classe média alta, desde muito jovem já existia em mim um obscuro sentimento de inadequação social e acho muito natural que meus personagens reflitam essa atmosfera de marginalidade. O ambiente familiar provinciano onde nasci e cresci é o princípio de tudo que veio acontecer comigo posteriormente a partir de como fui capaz de lidar com essa herança de classe psicossocial: Brasil, Bahia, Salvador, família tradicional, educação, segurança, momento histórico, carma (destino), etc. Então, desde cedo me senti minoria dentro de uma sociedade, para mim, inexplicavelmente hipócrita, contraditória, injusta, etc e a loucura é essa! É da sociedade e de como ela se organizou – para explorar, competir, denegrir, discriminar - não é minha! O que a sociedade vê (projeta) de loucura em nós minorias que andamos na contramão dela, é o preço que pagamos por tentar sobreviver dentro dessa mesma sociedade e expressarmos direta ou indiretamente através da arte o que sentimos e apreendemos. Pelo menos em mim acontece assim e acredito que na maioria dos que se sentem e vivem de certa forma à margem dela. Então, marginalidade, drogas de qualidade, isolamento, arte, contracultura, loucura, espiritualidade, “poesia sem fim”, são caminhos inevitáveis. Assim, evitamos remédios, câncer prematuro, radicalidades suicidas, partidos cínicos e outras modalidades de protesto, todos legítimos.

DOSSIÊ: A música está muito presente nos seus filmes e na sua vida. No documentário Zirig Dum Brasília você trata de um multi-artista, Renato Matos, que é também músico. Você também tem o documentário Exu Iluminado, sobre Mario Cravo. Qual o lugar da música, da poesia de outras artes nos seus filmes?

ALO: Difícil responder pois não tenho essa percepção afinada. Faço filmes sobre os temas que não consigo mais conter e reter internamente e então, eles viram projetos e filmes, assim como música, livro, poesia. Com relação à presença da música nos meus filmes não sei, mas na minha vida sim, ela é a canoa que navego diariamente, o meu cajado invisível - pau pra

toda obra - em que me seguro quotidianamente. Uma espécie de porto seguro, prazer de ficar só com ela diferente do cinema que já traz uma angústia embutida. Com relação aos documentários sobre pessoas que admiro, é um grande prazer fazê-los. Quando gosto muito de um artista fico inquieto, querendo fazer parte da obra dele, de mostrar o quanto o admiro, o quanto o amo, o quanto me identifico com a sua alma criadora, pretensamente dizendo que conheço suas angústias, descobertas e felicidades momentâneas na realização de suas obras. Assim aconteceu com Fernando Pessoa e os 34 intérpretes do projeto Mensagem; com o CD Ser fã em que explicito musicalmente essa admiração por cada um dos personagens homenageados. No cinema com os documentários Mário Cravo (Exú Iluminado), Bené Fonteles (o Cozinheiro do Tempo), Edgar Navarro (Paixão e Êxtase), Renato Matos (Zirig Dum Brasília). Mas não enxergo claramente além da música outras modalidades de arte com um protagonismo destacado nos meus filmes.

DOSSIÊ: Sagrado Segredo é um filme sobre a experiência religiosa. Você também tem um projeto sobre Cinema e Transcendência em Brasília. Qual a relação entre cinema e transcendência? Fale um pouco sobre esse projeto.

ALO: Falou certo, o filme Sagrado Segredo é um filme sobre a **experiência** religiosa. Mas não foi assim que ele foi visto e rejeitado pela dita *inteligência cinematográfica* brasileira com as honrosas e extremamente lisonjeiras exceções dos críticos Inácio Araújo, Luiz Carlos Merten, Carlos Alberto Mattos e Luis Alberto Rocha Melo que viram o filme sem o preconceito dos meus colegas politizados ainda marcados pelo slogan da ditadura de que “... a religião é o ópio do povo” e portanto, um filme com este assunto não interessa. Apesar de textos incríveis dos críticos que citei, o filme foi recusado em todos os festivais de cinema no Brasil e teve um péssimo lançamento. Descobri que falar em Jesus Cristo (independente se pró ou contra) é tabu, inoportuno, suspeito e também palavrão entre artistas contemporâneos, sobretudo entre cineastas. Mas ele não é somente sobre uma experiência humana necessária, ele é sobre a espiritualidade, ciência, teatro, cinema, linguagem e uma experimentação estética autoral e autotransformadora. A minha experiência com o filme Sagrado Segredo foi profunda sobre a qual estou escrevendo um livro a alguns anos. O Festival Cinema e Transcendência vem dessa necessidade de mostrar filmes que trazem esses temas que me são fundamentais, acrescentados da militância ecológica, a busca espiritual do diretor, as diversas formas de manifestação religiosa e científica em várias culturas e regiões do planeta.

DOSSIÊ: Meteorango Kid, feito no contexto do AI-5 e do fechamento político, completará 50 anos em 2019. Esse "aniversário" o anima ou o angustia tal como o personagem do filme? Depois de tudo isso como você analisa o filme e por onde andaria Meteorango Kid hoje? Vivo ou morto?

ALO: Não penso sobre a idade do filme dessa maneira. Vou fazer setenta anos em 2018 e essa data tem um significado mais interessante para mim. O personagem Meteorango que me angustiou por tanto tempo não angustia mais - foi exorcizado em Louco por Cinema - mas o Brasil de hoje sim. Sob essa perspectiva, a situação política do Brasil atual é quase tão sinistra quanto a que vivi na época da ditadura militar e nesse sentido Meteorango está vivíssimo! Está inquieto e com certeza vai se manifestar no momento oportuno.

DOSSIÊ: Muitos críticos e cinéfilos aproximam o seu cinema do de Edgard Navarro. Como você vê essa relação e quais seriam as diferenças?

ALO: Adoro Edgard! É um amigo e um dos meus cineastas preferidos. Sabemos mais que ninguém das nossas profundas semelhanças e diferenças; das nossas indagações e inquietações como uma eterna danação interna, como ele mesmo costuma dizer que somos irmãos siameses da mesma enfermaria. Mas, acho que a pergunta está invertida apenas no tempo: o cinema de Edgard que se aproxima do meu por acupuntura e não por uma lógica casuística, considerando que comecei mais cedo. Essa aproximação que se explicita na tela aos olhos críticos são parte dessa identificação mútua entre nossas virtudes e limitações. Elas vêm da região abissal onde circulamos submersos em nossas ideias, vem desses delírios paranormais, vem do inconformismo radical diante da vida besta ordinária em que se vive, vem do desejo incontável e natural de arriscar sempre, vem da natureza simbiótica da nossa santa paranoia que aflige e tortura, vem da nossa irmandade plasmada na filiação tropicalista, vem até do mistério de nossos pais terem nascido na mesma distante cidade de Mundo Novo. As diferenças também são muitas como por exemplo, desejo, sexo e escatologia, presenças constantes no cinema de Edgard e que no meu cinema aparece com bem menos intensidade.

DOSSIÊ: Meteorango apresenta um grito vital da juventude dos anos 60/70: "curti adoidado". Você considera que esse lema continua atual?

ALO: O “curti adoidado” como coloquei no filme, vejo hoje que foi uma estratégia para não dizer “sofri muito”. Fiz o que precisava ser feito para dar uma aparência de molecagem irresponsável àquele “manifesto” perigoso e demolidor. No Brasil de hoje podemos e devemos curtir adoidados novamente como estratégias para a atitudes conscientes e demolidoras que certamente virão.

DOSSIÊ: Você está desenvolvendo algum projeto audiovisual no momento ou em diálogo com o cinema? Poderia falar um pouco sobre ele?

ALO: Estou sempre com vários projetos em desenvolvimento e em gavetas poeirentas nas suas diferentes fases de realização. No momento, estou em fase de montagem de um documentário de longa metragem chamado O Outro lado da memória, cujo título anterior era Viva o Povo Brasileiro, por que não? É uma investigação sobre por que não consegui fazer o filme Viva o povo brasileiro, adaptação do livro de João Ubaldo com um título tão emblemático e simbólico ... Eu e uma enorme equipe de preparação, trabalhamos nesse projeto por quase uma década e chegamos muito perto de filmar e não filmamos. Nesse filme estou tendo a oportunidade de investigar as causas do impedimento, de mostrar o que fizemos na época, de atualizar o tema abortado e especular sobre o surgimento da alma brasileira, a violência colonial, a escravidão e o racismo, presentes no livro/filme, ainda atuando nos dias atuais.

EDGARD NAVARRO PERGUNTA A ANDRÉ LUIZ

EDGARD NAVARRO: André, sei que você escreveu um novo livro depois de concluir seu último filme – Sagrado Segredo (estou ansioso para lê-lo). E que um novo filme está surgindo do projeto original de “Viva o Povo Brasileiro”. Sei que sua vida tem sido preenchida por atividades outras que não o cinema - a música, aulas para crianças autistas (belo trabalho humanitário), além de outros trabalhos afins... Minha pergunta é: Se “arte é pouco para um coração ardente”, o que você aconselha pra quem quer (e precisa) ir além? Nós aéreos (você Libra e eu Aquário) vivemos dentro de uma infernal máquina de pensar.

ALO: Edgard, querido, obrigado pela pergunta e por tudo que falou, mostrando - com a inteligência que tanto admiro - que nos conhecemos de perto. Sei onde você quer chegar, não sei se vou conseguir, mas vou tentar responder sem clima de conselho mesmo porque nesse

campo estético/metafísico em que nos encontramos onde tudo é pouco e não há respostas objetivas razoáveis porque, em última instância, as coisas simplesmente acontecem...

Para compreender a complexa natureza dessa pergunta, desse além que você se refere, preciso falar do subtítulo do livro *Sagrado Segredo* o qual você está (com toda razão) ansioso para ler e que ainda não terminei é “arte é tudo para um coração carente”. Talvez aí já esteja uma pista de uma das possíveis respostas. Ou seja, para mais detalhes, preciso entrar mais na natureza desse além que é por definição transcendente, mas também precisamos saber que é predeterminado por fatores que conhecemos e habitualmente não consideramos a sua importância como por exemplo: a herança familiar (psicológica), o ambiente social (educacional) e o destino estrutural (mapa astral) de cada um. Se eu tivesse que dar algum conselho a alguém que precisa ir além..., eu diria que a tarefa básica e primeira é tomar consciência desses fatores e condições predeterminantes para poder ir além deles. Seria o início da jornada rumo à consciência de si mesmo. Mas, como fazer isso? Como começar? Onde está o fio da meada? Ou melhor, como perdemos esse contato com a essência de nós mesmos e continuamos reproduzindo um projeto inconsciente de vida pavimentado pelas ordens (internas) familiares e regras sociais, conduzidas pelo ego? O ir além ao qual você se refere é ir além disso, e isso você já sacou. Mas tem outras comorbidades as quais só descobrimos mais tarde e que são necessários para uma consciência mais totalizante. Por exemplo, no campo social, seria injusto e impreciso falar que simplesmente acontecem, visto que no plano social elas acontecem para uns e para outros, não. Os privilégios da classe média onde crescemos determinaram fortemente o nosso destino diferentemente de outros oriundos das classes populares que não tiveram as mesmas condições e essa consciência também é necessária. Então, como começar a ter consciência de si mesmo se as coisas, como eu disse, “acontecem”? Acredito que elas acontecem a partir de uma necessidade inconsciente de completude, uma inquietação íntima, sentida como legítima - quase sempre condicionada pelos três fatores que falei acima – que vai impulsionar um desejo de torna-la consciente e abrir o caminho à realização pessoal nos níveis, psicológico, social e espiritual. Hoje, faz sentido a frase do Nietzsche “... a consciência acode por etapas” que li na “Origem da Tragédia” a mais de quarenta anos atrás e na época não entendi nada, mas nunca esqueci.

O desejo se instala como uma espécie de vírus, não há mais sossego, o coração arde e o trabalho de consciência se torna inevitável, acontece no tempo certo e passamos a caminhar nesse diapasão que os místicos da tradição chamam de cavalgando o dragão (leia-se, ego).

Considerando que essa introdução faça algum sentido, se quisermos dar um passo além do que já sabemos, a receita ainda é a de sempre que conhecemos: precisamos parar, parar de pensar, respirar, aceitar o desafio de acalmar a mente, entrar em contato com o vazio, sem folclore ou mistificação. Ele existe e pode abrir brechas na segurança conservadora do ego e vislumbrar um caminho que vai além dele, com Buda ou sem Buda.

Mas, como acionar o inconsciente para que ele crie o desejo de tomar consciência de si mesmo? Isto vai acontecer e a partir das iniciativas enumeradas acima, a consequente conquista de um silêncio peculiar e uma predisposição interna, honesta e sincera consigo mesmo incluindo assumir as perdas e danos que certamente virão (fiquei sem filmar de 1974 a 1994).

Um trabalho psicanalítico também é recomendado, se possível pois ajuda a enxergar o negativo, o sombrio nosso de cada dia e que não queremos enxergar, muito menos aceitar por que temos (o ego) a ilusão de que essas sombras nos dão certo prestígio quando na verdade só nos distancia do caminho de consciência. Estes são alguns pressupostos necessários ao caminho de consciência. Na ausência desse apoio terapêutico, ou como complemento a esse apoio, o meu conselho é simples, é sentar em silêncio em algum momento do dia, prestar a atenção na respiração e apenas observar, observar, humildemente, sem nenhuma intensão ou expectativa além dessas. Pouco tempo por dia, mas com frequência e determinação, sem esperar nenhum resultado, nenhum mesmo e observar o que acontece no dia a dia.

Com o tempo (nunca vamos saber quando) e com sorte, algo simplesmente acontece...sobretudo quando contrariamos hábitos arraigadamente confortáveis, condicionamentos acomodados e até desejos legitimados e validados pelas ordens familiares e sociais.

PS: Mas se não acontecer..., como com Fernando Pessoa, tudo bem, ele escreveu uma obra imensa - inclusive a bíblia dos angustiados: o Livro do Desassossego - e se tornou o poeta maior do seu tempo.

Edgard Navarro (EN), cineasta ícone da geração superoitista baiana dos anos 70. Escreveu e dirigiu filmes de curta e média metragem em 35 mm, entre os quais os premidos *Porta de Fogo*, *Talento Demais* e o cultuado *Superoutro*. Além dos longas *Eu me Lembro* e *o Homem que não Dormia*. Seu filme mais recente é *Abaixo a Gravidade*.



ENTREVISTA EDGARD NAVARRO (EN)

DOSSIÊ: Recentemente você disse que gostaria de deixar o peso de ser cineasta e gostaria de voltar a ser “cinemêro”. Seria um retorno à leveza e à visceralidade superoitista?

EN: Sim. Quero voltar a uma maneira mais simples de lidar com as metáforas que me ajudaram a fazer essa travessia. Até os 30 anos realizei filmes super8 curtos em voo solo, importantes por terem aberto caminho para projetos mais ambiciosos; vieram 2 filmes curtos e 1 média em 35mm com recursos provindos de editais públicos e equipe reduzida que – no caso de *Superoutro* – já foi mais numerosa. O primeiro longa-metragem só viria após 15 anos e de lá pra cá a cada novo filme me vi envolvido por uma estrutura de produção mais complexa e engessante... Cheguei a pensar em sucesso profissional dentro do mercado de filmes de arte, mas hoje entendi que isso não vai acontecer pra mim; de modo que desembarco satisfeito dessa categoria que nunca aspirei de verdade; o que sempre quis mesmo foi fazer poesia audiovisual com espírito amador; hoje sei que isso só é possível sem as amarras do chamado ‘cinemão’.

DOSSIÊ: Considerando os personagens excêntricos que fazem parte do seu cinema, seja na experiência dos filmes em Super-8, no *Superoutro* e nos longas. Qual o lugar das minorias (personagens marginais) e da loucura nos seus filmes?

EN: A maioria desses personagens protagoniza os filmes que realizei; isso porque me identifico com seu universo precário, sua agonia diária, a urgência que trazem consigo de transcender a face sórdida e inclemente da vida que levam e que os assola... Entre eles figuram vítimas de sequelas da repressão do sistema, da família, da ditadura militar, um operário-iogue, um guerrilheiro em vias de ser morto pela polícia política, um louco de rua

assediado pela miséria e pela fantasia libertária que por fim o haveria de redimir... Pra mim foi um aprendizado que implicou em muita entrega e sacrifício, mas acho que valeu a pena: falando pelos oprimidos, miseráveis e loucos e de certa forma tomando suas dores, penso ter contribuído na conscientização geral sobre esse contingente de párias que não têm voz e não são representados em nossa sociedade.

DOSSIÊ: *Superoutro* é um filme político, escrachado e cômico. O filme se localiza no contexto da abertura política da década de 80 e fala também da resistência do cinema periférico diante dos grandes centros de produção. Como você lê o momento político atual tendo o *Superoutro* como guia? Quem mais se aproxima hoje dessa proposta radical de cinema?

EN: *Superoutro* foi rodado há 30 anos e numa de suas cenas cruciais abrimos espaço para documentar manifestações de populares no 2 de julho, festa de espírito cívico; ali podemos ver algumas faixas portadas por circunstantes e uma delas nos chama a atenção: FORA SARNEY e DIRETAS JÁ; bastariam essas palavras de ordem para identificar imediatamente o mesmo grito de insatisfação popular com o momento vivido pelo país em 1987 e agora em 2017. A nação sofreu recentemente um golpe tão ou mais grave do que aquele sofrido em 1964/68. Quanto à segunda parte da pergunta, entre os artistas que militam atualmente na produção audiovisual muitos aproximam-se de uma proposta radical de cinema, embora não necessariamente com as mesmas características de *Superoutro*; entre os quais - além de André Luiz Oliveira, ousou citar alguns, embora tenha certeza de que a lista estará sempre incompleta: Cao Guimarães, Kiko Goifman, Cristiano Burlan, Eliane Caffé, Adirley Queirós, Dellani Lima, André Novais... E entre os baianos cito o trabalho de Josias Pires, Henrique Dantas, Marcondes Dourado, Mônica Simões, Carlos Pronzato, Fábio Rocha, Leon Sampaio, Gabriela Barreto e uma legião de talentos, alguns mais jovens, outros maduros, homens e mulheres que poderão inscrever seus nomes em nossa cinematografia.

DOSSIÊ: Em *Talento Demais* você faz uma homenagem e revisão crítica do cinema feito na Bahia até os anos 90. O que mudou de lá pra cá e o que continua na mesma no cinema baiano?

EN: Elegendo como imagem estruturante o *Meteorango Kid*, de André Luiz Oliveira, *Talento Demais* (1995) presta um tributo a esse filme seminal do cinema feito na Bahia pós Glauber.

Passados mais de 20 anos, o Cinema (e a Cultura como um todo) vive dos editais que os governos que se sucedem têm lançado como gestos esporádicos de magnanimidade, e não como cumprir ser: uma política pública focada em compromisso sério com a produção audiovisual - por constatar e reconhecer sua importância social e histórica.

DOSSIÊ: “Abaixo a gravidade” é um enunciado recorrente nos seus filmes, sendo até o título do longa que você lança agora. O que quer dizer “Abaixo a gravidade”?

EN: A referida expressão aparece pela primeira vez na boca da personagem central de *Superoutro*, no instante imediato anterior àquele em que o louco de rua travestido num superman brasileiro vai atirar-se do Elevador Lacerda, sendo impedido no momento extremo por dois policiais (os mesmos que no início do filme o levaram pra o hospício). Há uma citação óbvia de Nietzsche (em seu trecho do Zaratustra sobre ‘o espírito da gravidade, aquele que atrai tudo para baixo’). Acho que o filósofo se refere à mediocridade que grassa pelo mundo e se avoluma em torno de tudo quanto queira sublevar-se à escravidão que lhe é imposta por leis estúpidas, tudo aquilo que ameaça exercer seu destino de leveza; ou seja: toda pessoa que ousa querer voar acima da manada... Bem assim, “Abaixo a Gravidade” quer também se referir ao ser sorumbático (no filme representado pela estátua do Pensador de Rodin) que pretende penetrar o mistério das coisas usando apenas os recursos de sua mente humana, limitada. Citando o texto do próprio filme: “Acho que o pensador de Rodin é uma síntese perfeita do estado de espírito a que chegou o homem moderno, esmagado pelo peso de sua busca racionalista. Gosto de imaginar que ele vai desfazer lentamente sua postura que parecia perene; e vai levantar-se, adotando outra atitude, diametralmente oposta: abre os braços e olha para o zênite com pasmo e alegria selvagem. Esse homem vai perscrutar as estrelas em sua dança eterna através do espaço infinito e num átimo perceber que o que tanto andou procurando não se encontra no labirinto de sua mente. Vai constatar, sim, novo abismo. Só que agora se trata de um abismo físico, real - de estrelas e não de conjecturas. Imagino então que ele vai gritar: aprendi a caminhar, desde então gosto de correr! Aprendi a dançar, desde então não admito que me empurrem pra sair do lugar! Agora sou leve, agora posso voar, agora vive em mim um deus!”

DOSSIÊ: "Todo organismo quer orgasmo"; "Deus é grande, mas tá mole": O desejo está muito presente nos seus filmes. Como você vê a questão do desejo? O desejo pode ser revolucionário?

EN: Sim. Acredito que o desejo é revolucionário e por isso está tão presente em meus filmes. Vou tentar equacionar os desdobramentos importantes dessa pergunta dentro dos limites do *Abaixo a Gravidade*, onde proponho um duelo entre o Pensador de Rodin e um Exu (dito Arranha Céu): ora, sabemos que o corpo e a alma do operário - esse elemento essencial do sistema capitalista - precisam estar minimamente satisfeitos para que funcione dentro dos parâmetros esperados; estaremos assim cuidando do binômio pão e circo. Acontece que o desejo (e é de sua própria natureza) não obedece a cânones ou preceitos... pois ele é o que não tem governo, nem nunca terá, o que não tem vergonha, nem nunca terá, o que não tem juízo... O que acontece é que aquele Exu despudorado e pagão vai possuir seu filho tornado estátua pra ganhar uns trocados e, desafiando os sábios do 1º mundo com sua música e sua dança tribais vindas da África; vai desmoralizá-los com seu voo desmedido, desabusado, seu gozo desregrado, transcendental e obscenamente livre... Ou seja: no duelo proposto entre as duas culturas a vitória será do transe e do desejo, não do pensamento e da razão pura! *Quod erat demonstrandum*.

DOSSIÊ: Qual o lugar da música nos seus filmes? Como é a sua relação com Tuzé de Abreu para a criação das músicas dos seus longas?

EN: Estudei música quando criança e desenvolvi um razoável senso estético nesse campo; acredito que a sonoridade pode atuar sobre uma cena qualquer tanto para valorizá-la dramaticamente quanto para tirar-lhe força e até destruí-la completamente; assim, quando escrevo o roteiro de um filme faço-o pensando concomitantemente numa trilha provisória que no futuro dará as pistas pra o criador da música original. E assim tem sido com Tuzé de Abreu, parceiro em todos os longas que realizei... E com André T., parceiro nos 2 últimos. Aliás, Tuzé compôs a música original de um dos filmes de André, além de compor a canção que deu título a seu primeiro longa - *Meteorango Kid*.

DOSSIÊ: *Meteorango Kid* e *Superoutro* são filmes afins. Qual foi o impacto da primeira vez que você viu *Meteorango Kid*? O que ele provocou em você?

EN: Eu tinha 20 anos quando assisti ao filme pela 1ª vez; saí do cinema siderado. Vontade de pular, de gritar, de mexer com as pessoas na rua; o filme botava gente como eu numa sintonia de transgressão e iconoclastia e irreverência de alta potência transformadora; me identifiquei imediatamente com Lula Bom-Cabelo, mas só muitos anos depois viria a conhecer André pessoalmente; aos poucos descobri muitas características que nos aproximam, para além dos filmes que realizamos... *Louco por Cinema* também exerceu enorme fascínio sobre mim. Vejo ali alguém exercitando a arte com despojamento e integridade, como pouca gente tem coragem de fazê-lo; coragem de ir ao fundo de si no encalço de seu particular graal. Ao ler o livro de mesmo nome² me emocionei muito e reconheci ali a pessoa com quem já me identificava há muito tempo, alguém que respeito e admiro para sempre; nossa amizade está selada de um jeito misterioso. A última vez que nos vimos foi na noite de lançamento de *Abaixo a Gravidade*, depois da exibição do filme, no encerramento do festival de Brasília. André e eu nos abraçamos e choramos como 2 irmãos que se encontravam num novo nível de vínculo...

DOSSIÊ: Depois de *Abaixo a Gravidade* qual o caminho que Edgard Navarro vai trilhar no cinema? Já tem algo em mente?

EN: Depois desse filme a sensação que tenho é a de missão cumprida. Pretendo me deixar levar por alguma corrente brincalhona que me queira ensinar a grande definitiva lição do desapego: vou estar por aí, me preparando para o encontro anunciado com a esfinge; e acho que já sei o que vou dar como resposta para não ser devorado por ela: um solene “só sei que nada sei”. Não sei se estarei fazendo cinema, mas se assim for que seja do jeito que comecei em super-8: colecionando imagens ao acaso da realidade que nos cerca para lhes dar um sentido que já estará implícito desde sempre, parece, em sua natureza caótica, anárquica; o que farei será cinema transcendental, talvez... Enfim, como já disse, depois do último filme sinto-me como um sócio remido: espero não dever mais nada ao mundo que por sua vez nada me deve - o que vier será lucro.

² “Louco por Cinema” (o livro) é uma espécie de manual de instruções de autoconhecimento; talvez seja a bula de um soro antiofídico muito específico – às vezes André é muito específico. Seu livro é como a bula do remédio – *pharmacon*: vejam o filme, leiam o livro. Ele serve de guia para náufragos, aprendizes, desbundados de todos os credos, é bússola para tresloucados se orientarem na travessia única e grandiosa que é a vida de cada um. Sim, porque perdidos querem se encontrar, ainda que seja... Aí, rapeize, atenção para o refrão: **“Arte é pouco para um coração ardente.”**

UMA PERGUNTA DE ANDRÉ LUIZ OLIVEIRA PARA EDGARD NAVARRO:

ALO: Edgard, qual o seu filme que mais gosta e por quê? Fale um pouco dele comparativamente aos outros.

EN: Para ser inteiramente honesto, devo dizer que gosto muito de todos os filmes que realizei, porque no momento em que fazia cada um deles parecia-me ser aquilo a coisa mais importante da vida. Todos os filmes têm seu valor – desde *Alice* – que trata da perda da ingenuidade através da ingestão do cogumelo mágico engendrado no estrume das vacas; o da rebeldia selvagem do *Rei do cagaço* - que joga cocô nos ícones de uma sociedade decadente; passando pela elegia à luta dos guerrilheiros contra a ditadura militar nos anos de 1970, o da memória infantil e da libertação juvenil através da arte, o da memória inconsciente e da libertação cármica; e esse último - que reza sobre o cerco final das doenças, da agonia dos miseráveis, da virtude, do desejo, do sonho e da morte. Vendo em retrospectiva, entretanto, acho que *Superoutro* se destaca e se impõe por sua natureza plural, juntando demandas várias de nosso anseio por transcendência: ali está o desejo reprimido pela realidade hostil que nos cerca, o sentimento de indignação e o patriotismo brasileiro (quase ufanista), arrematados por uma pulsão de voo que dribla a morte, a loucura e as leis do mundo para perpetrar a fantasia triunfal que parece habitar o peito dos homens desde os tempos mais remotos. Assim, ao legitimar a vitória da fantasia, o filme arrebatava crentes e incrédulos na direção de um sonho coletivo de liberdade.